

PAISAGENS TRANSCULTURAIS – UM OLHAR PARA A PERIFERIA CARIOCA EM TEMPOS DO TRANSCONHECIMENTO

Transcultural landscapes - a look at the outskirts of Rio de Janeiro in times of transcognition

Jorge Baptista de Azevedo¹

RESUMO

Este artigo resgata a conferência realizada em 12 de novembro de 2015, no Seminário Internacional “A Periferia da Paisagem”, realizado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. A partir de reflexões sobre aspectos que ameaçam a vida social nas grandes cidades contemporâneas, se apresentam as condições de multiculturalidade em contraponto com a urgência da transculturalidade para a produção de novas formas de convívio sociocultural. A seguir é elaborada uma definição para o conceito de paisagem transcultural e da sua produção inventiva, através do processo de heterogênesse, observados a partir de “entre-lugares” e nas “heterotopias”, que também são explicitados. O transconhecimento é valorizado como ferramenta, inclusive para o reconhecimento da importância sociocultural dos lugares caracterizados pela capacidade de celebração da existência, produção do sentimento de *bonheur* e pertencimento. E nesse sentido destaca aspectos observados nas paisagens da periferia carioca. Esse escrito é uma contribuição para a teoria da paisagem que se associa com a filosofia e a geografia fenomenológica e cultural.

Palavras-chave: Paisagem. Transculturalidade. Heterogênesse. Transconhecimento.

¹ Departamento de Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. jorba@uol.com.br
✉ Rua Cândido Portinari, 260, bairro Jardim América, Niterói, RJ. 24.320-000.

ABSTRACT

This article rescues the conference on November 12, 2015, at the International Seminar “Landscape of the Periphery”, held at the School of Architecture and Urbanism at the Universidade Federal Fluminense. From reflections on aspects that threaten social life in contemporary cities presents the multicultural conditions in opposition to the urgency of the transculturality to produce new forms of socio-cultural interaction. The following step is a definition for the concept of transcultural landscape and of its production inventive, through the process of heterogênesse, observed from “between-places” and in “heterotopies”, which are also explained. The transconhecimento is valued as a tool for the recognition of the importance of the sociocultural places. They are characterised by the capacity of celebration of existence, production of the feeling of *bonheur* and social belonging. And in this sense it highlights aspects observed in the landscapes of Rio’s periphery. This writing is a contribution to the landscape theory that is associated with the philosophy and the phenomenological and cultural geography.

Keywords: Landscape. Transculturality. Heterogênesse. Transknowledge.



INTRODUÇÃO

"Toda filosofia, mesmo e, sobretudo, se ela for estabelecida por saberes científicos complexos, obras de artes inovadoras, políticas revolucionárias, amores intensos, é uma metafísica do bonheur, ou então ela não vale nem uma hora de pena"
 Badiou (2015)

A globalização de caráter neoliberal engendrou mecanismos que trouxeram consequências como um mercado mundial desregulado pela imposição dos especuladores (POULAIN, 2006). A nova era mundial, seduzida pelo lucro, continua apoiando o sistema financeiro internacional, como mola propulsora dos modelos da vida social e sem se preocupar com os seus rumos. Richardt Sennett (1999) reafirma uma corrosão dos laços sociais pelo novo capitalismo tardio. As pessoas não tem mais trabalhos, as aposentadorias são ameaçadas, vivem empregos efêmeros e descartáveis, prejudicando principalmente as relações sociais. Hegemonias de modas, idades e padrões estéticos, descartando e condenando à depressão os mais velhos e, qualquer um que não tenha uma "imagem" adequada, em termos de padrões culturalmente estabelecidos de beleza física. Em tempos do *Homo economicus* de Daniel Cohen (2012) a competitividade pelos postos de trabalho, numa crise econômica, quase permanente e, de certa

2 Tradução livre de: "Toute philosophie, même et surtout si elle est étayée par des savoirs scientifiques complexes, de œuvres d'art novatrices, des politiques révolutionnaires, des amours intenses, est une méthyphysique du bonheur, ou bien elle ne vaut pas une heure de peine".

forma, convenientemente preservada, elimina tanto a possibilidade da solidariedade como a construção de laços mais longos de amizade.³

ESPAÇO E CORPOREIDADE

O mundo está cada vez mais repleto de cidades que passam a ser amontoados de pessoas que não se reconhecem, que vivem isoladas e mergulhadas na dissolução do espírito de solidariedade e da própria cooperação. Megaprojetos predatórios nas cidades, arquiteturas de caixotes rápidos, iguais em qualquer lugar, que apoiam a desurbanização e rompem com tecidos urbanos tradicionais e suas escalas de vizinhança, desenham geografias onde, simplesmente, se estranha e se hostiliza o outro que não se conhece. E essas situações são consequências de tempos de globalização, que não só trazem mercadorias de todo o mundo para a mesa, mas também gentes de todas as partes para partes das grandes cidades do mundo.

Enquanto isso os espaços livres públicos são violentados, áreas urbanas vividas e celebradas são transformados em novas vitrines dessas lógicas capitalistas, na maioria das vezes a partir de intervenções esterilizadoras, gentrificação e paisagens assépticas. Cenarizações perfeitas em suas técnicas de produção e acabamento, livre das marcas das imperfeições humanas, verdadeiras arquiteturas e paisagens urbanas do espetáculo, mas vazias de sua anterior vitalidade plena de pertencimentos.

3 Este texto reflete um aprofundamento complementar do estudo sobre a estética da ruralidade e sua presença nas paisagens urbanas, desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em tese de Doutorado defendida em 2008. Ampliado pela oportunidade do estágio pós-doutoral junto ao Departamento de Filosofia da Université de Paris 8, voltado para pesquisas sobre estéticas transculturais e realizado entre dezembro de 2014 a outubro de 2015, com financiamento da CAPES – COFECUB junto ao Programa de pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFF PPGAU-UFF.

Nesse sentido, paisagens urbanas tradicionais, em especial nos países periféricos estão sendo atacadas por processos acelerados de descaracterização e, por muitas vezes, de precarização, movidos quase sempre pelos objetivos da especulação imobiliária e do lucro. Tudo isso em um momento, nada à toa coincidente, de intensificação da produção do despertencimento, banalização da violência e estranhamento entre as pessoas.

Por outro lado, se defende em última instância, a relação do corpo com o mundo da vida, com a cidade, o abrigo, a paisagem, enfim, com o próprio espaço social. Enquanto nosso conhecimento organizado separa quem cuida do corpo e quem cria o abrigo longe dele, aqui se defendem abrigos e lugares feitos pelo e para o próprio corpo, articulando espaço e corporeidade.⁴

A compreensão da corporeidade como um conceito filosófico fenomenológico que designa os modos de reconhecimento e utilização do corpo com o mundo, leva à impossibilidade da concepção do corpo separado do espaço vivido. Entretanto, em campos diversos da ciência ainda se preservam resultados oriundos de bases reducionistas e limitadas, e, nesse sentido, segundo Guattari (1993, p.153), espaço e corpo são “considerados por disciplinas como arquitetura e a medicina, são apreendidos a partir de categorias distintas e autônomas”, caracterizando uma divisão sistemática da cultura do ocidente. Todavia o próprio autor que denuncia tal fato, prevê, defende e afirma mudanças:

4 A fenomenologia de Merleau-Ponty reconhece que “a cultura científica ocidental requer que tomemos os nossos corpos simultaneamente como estruturas físicas e como estruturas experienciais vividas – em suma, tanto como externos e como internos, biológicos e fenomenológicos” (1995) e o corpo é movido por intenções provenientes da mente. A corporeidade para Guattari (1993) resulta dos encontros do corpo com a vida social culturalmente multidiversificada, onde o mergulho na experiência das configurações culturais e suas hibridizações, somadas com as ações das vivências trazidas pela temporalidade histórica, produzem um legado de re-singularização própria, porém não mais rígidas e sim passíveis de mutações e negociações. Enfim, para ambos espaço e corporeidade são concebidos de forma simultânea e inseparável.

As redefinições das relações entre o espaço construído, os territórios existenciais da humanidade (mas também da animalidade, das espécies vegetais, dos valores incorporais e dos sistemas maquínicos) tornar-se-á uma das principais questões da re-polarização política, que sucederá o desmoronamento do eixo esquerda-direita entre conservadores e progressistas. Não será apenas questão de qualidade de vida, mas do porvir da vida enquanto tal, em sua relação com a biosfera (GUATTARI, 1993, p.165).

Tais espaços que se conjugam com o corpo, parecem difíceis de serem encontrados e, mais ainda, de serem concebidos dentro dos modelos dominantes. Entretanto, existem exemplos de culturas que celebram e unem espaço e corpo na dimensão do vivido e com a própria biosfera, ainda que seus aspectos e legados de muitas vidas e trabalho humano estejam sendo esquecidos ou negados. Trocados por novos projetos políticos de produção de hegemonias, mas precisam ser revistos, estudados e recuperados a fim de combater a produção do despertencimento, intolerância e estranhamento desenvolvidos em cidades de pensamentos estreitos e excludentes.

Paralelo a um processo terminal de globalização de territórios e mercados, emerge a consciência de que estamos irremediavelmente juntos, então a questão se torna em como estarmos juntos. Afinal, para Guattari (1993) o social não é só da ordem da relação é da ordem do ser e daquilo que puder vir a ser.

UMA APROXIMAÇÃO CONCEITUAL POSSÍVEL PARA AS PAISAGENS TRANSCULTURAIS

A conceituação da paisagem transcultural como objeto central deste texto justifica-se, principalmente, pelo fato dela ser o campo

de análise possível para uma proposta de investigação estética sobre o espaço social resultante de campos transculturais e processos de heterogêneses⁵. Afinal, são paisagens que resultam de lugares, reinvenções, misturas e formas de convívios de grupos heterogêneos. Campos possíveis para a produção da heterogêneses, enquanto base do processo transcultural, portanto desejadas para produção de tempos e lugares mais resistentes às estratégias de dominação que utilizam a multiculturalidade, o despertencimento e a falta de solidariedades para produção de um mundo competitivo e carente de sociabilidade, onde o medo do outro é mais forte do que o possível interesse pelo encontro.

Do conceito de paisagem

A paisagem é um conceito próprio da Geografia, ainda que na arte é que se tenha atingido um determinado modelo de sua representação. É a dimensão sensível do espaço e pode-se afirmar que, em termos socioculturais possibilita o entendimento simbólico de muitas de suas lógicas na medida em que nos lança para as relações que tramam a complexidade do mundo⁶. Nesta paisagem está o olhar que estuda o viver, a cultura e o lugar, inclusive aquele que nos pertence, seja na paisagem mais homogênea e instituída ou em seus cenários mais heterogêneos, mesmo os esquecidos ou marginais. Na amplitude dessas paisagens, ampliadas pela compreensão da filosofia, existe, então, possibilidade para os estudos de uma geografia fenomenológica sobre as suas manifestações mais distintas, de misturas de lugares

5 Para Guattari, heterogêneses seria aquilo que define como um “processo contínuo de ressingularização. No qual os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidário e cada vez mais diferentes” (GUATTARI, 2001, p. 54).

6 Tal visão pode ser ampliada com a leitura do texto “A morfologia da Paisagem” de Carl O. Sauer (1998).

e culturas e dos sujeitos que os tecem, onde quer que se encontrem e, mesmo quando estas possam corresponder aparentemente a desordens e tempos esquecidos.

Cauquelin (2007) quando recorda a atribuição dada aos artistas renascentistas do mérito da criação da perspectiva, observa uma invenção de deciframento da espacialidade, enquanto narrativa para fins da pintura e, que, assim a paisagem nos é dada por um artifício da técnica. Uma invenção possível da *ratio*, porém não absoluta ou única, que permitiu toda uma revolução do pensamento.

Sendo assim, tem-se o seu reverso: as paisagens de várias cidades se transformam e seus novos desenhos serão propiciados pela utilização da perspectiva. É o caso da cúpula de Santa Maria Del Fiore, os *Uffizi* e as *piazzas* de Florença que constituem exemplos pontuais de intervenção cuja paisagem foi trabalhada através da perspectiva como método e finalidade. Os jardins renascentistas, celebrizados nos exemplos italianos, são fortemente marcados pelo eixo central perspectivado. No apogeu francês, no período barroco, os jardins de visualidades a se perderem no infinito utilizaram eixos monumentais de perspectivas que partiam da cama da realeza absolutista. O poder se expressa na paisagem criada através de sua forte organização, da modelagem das copas, na simetria dos desenhos, no direcionamento das águas que se apaziguam nas *parterres d'eau*⁷ submissamente controladas, para depois explodirem nos jorros d'água de suas fontes e chafarizes, como no Jardim de Versailles (AZEVEDO, 2007).

Toda forma de pensar afeta a realidade de um jeito ou de outro. O real participa da criação da ficção, assim como o próprio fictício ou imaginário acabam por interferir no real de modo a transformá-lo. Para conseguir perceber a lógica dessas expressões de forma, é necessário

7 A tradução literal do termo francês designa um tabuleiro de água, ou seja, um tipo de espelho d'água como os do Chateau de Vaux Le Vicomte.

romper com o olhar colonizado pela razão instrumental e encarar o desafio de compreender a metrópole além de seus suportes físicos e funcionais, em uma análise ampliada sob a ótica da complexidade (MORIN, 1988).

Como afirma Cauquelin (2000, p.49), a paisagem é invenção, ou seja, do conceito à materialização de transformações produzidas, a paisagem é uma criação humana e sequer existia antes disso: "O objeto paisagem não preexiste à imagem que o constrói para um desígnio construtivo". Uma forma de adequação de suas pretensões com as possibilidades e limitações propiciadas pelo suporte físico, é o espaço materializado e socialmente definido e não deve ser compreendida como um análogo da natureza.

Como produção de uma paisagem que evoca o imaginário de uma cultura, Cauquelin define a forma-jardim, como uma invenção formal que utiliza o jardim, enquanto ideia e produção cultural de longa data, ou seja, outro invento, como referência para a invenção de novas possibilidades na paisagem. Como exemplificação prática dessa abordagem conceitual, cita-se a tese de doutoramento de Rubens de Andrade (2012) que observa o planejamento urbano da cidade de Belém do Pará no Brasil, marcada por forte utilização de jardins, parques e alamedas arborizadas, como uma grande forma-jardim construída em plena floresta amazônica, para fins de fortalecer e distinguir o modelo civilizatório que adentra o mundo selvagem.

Paisagens podem ser muito variadas, imaginárias até, ficções materializadas de desejos concretizados, heterotopias⁸ de nuances complexas que os pensamentos podem tornar reais. Para Domingues (apud CARDOSO, 2013, p.241), o conceito é tão amplo e complexo que

⁸ Heterotopias podem ser definidas como lugares fora dos lugares. Ou seja: lugares completamente inesperados em um dado contexto socioespacial. Um exemplo seria o de um fragmento de ruralidade, como um sítio, no meio de uma grande cidade.

"mesmo podendo parecer tautológico, paisagem é aquilo de que se fala quando se fala de paisagem".

Paisagens também registram as limitações impostas ao espaço urbano, consequências diretas de uma lógica capitalista que insiste em submetê-lo à sua matriz ideológica de modo a lhe fazer funcionar como um dos mecanismos mais eficazes de sua própria reprodutividade.

Trata-se mesmo de uma politização da paisagem, lutas pelo poder simbólico, onde a produção da paisagem passa a ser um de seus artifícios para demarcação de domínios, distanciamentos e lógicas dos diferentes grupos sociais. O conceito de paisagem se atrela à percepção humana do espaço, onde, mesmo os vestígios mais remotos das antigas paisagens naturais estão inscritos nas lógicas e pertencas da cultura, o que implica que toda paisagem conhecida possa ser dada como cultural. Tem sido comum a adoção equivocada e excludente do título de paisagens culturais, de modo exclusivo, para centros históricos ou quaisquer espaços que preservem acervos culturais oficiosamente consagrados.

Entre as muitas paisagens que a paisagem pode ser, a paisagem é aqui entendida como experiência e expressão humana, solicitando o sentido subjetivo do espaço como dimensão social, doravante chamado de espaço social e, portanto, diretamente associada com a cultura, tomada em suas manifestações estéticas.

A multiculturalidade como um fato global e suas paisagens

A observação do cenário atual predominante de convívio social de diferentes culturas e as transformações observadas em suas paisagens correspondentes, pode contribuir com o objetivo de atingir a compreensão da produção, bem como da necessidade, das paisagens transculturais. A complexidade evolutiva da humanidade e

as dinâmicas socioculturais contemporâneas estão produzindo novas paisagens de misturas culturais, ou culturas híbridas.

O convívio social de culturas diferentes nos mesmos espaços sociais, principalmente urbanos, não é novidade na História, mas nem sempre ele surge, ou se manifesta do mesmo modo. Uma análise de aspectos caracterizadores das manifestações de convívios de culturas distintas pode ser iniciada com a observação da multiculturalidade.

A multiculturalidade pode ser definida como o convívio, junto porém separado, de culturas diferentes. Reforçada pelos efeitos da globalização e da necessidade de assegurar a sobrevivência, a multiculturalidade hoje é passível de ser observada em vários lugares do planeta, sendo fortemente estimulada pelo fenômeno migratório. Assim, o mundo está cada vez mais multicultural, em especial nas suas chamadas cidades mundiais – como Paris, Londres, Nova Iorque –, onde culturas diversas praticam o convívio cotidiano, por vezes forçado, e muitas vezes competitivo, entre produções de aproximações e distanciamentos, e principalmente conflitos e diferenças.

A manutenção da multiculturalidade em países do capitalismo tende, quase sempre à eleição dos valores de uma cultura dominante e dominadora, na realidade até inventada, que de acordo com interesses e oportunidade, quase sempre é ignorante das estratégias de sobrevivência, adaptação ou bem viver das demais culturas, sendo assim pouco maleável ou adaptativa. pois de acordo com Canclini (1997, p.17):

Nos intercâmbios da simbologia tradicional com os circuitos internacionais de comunicação, com as indústrias culturais e as migrações, não desaparecem as perguntas pela identidade e pelo nacional, pela defesa da soberania, pela desigual apropriação do saber e da arte. Não se apagam os conflitos, como pretende o pós-modernismo neoconservador. Colocam-se em outro

registro, multifocal e mais tolerante, repensa-se a autonomia de cada cultura - às vezes com menores riscos fundamentalistas. Não obstante, as críticas chauvinistas aos “do centro” geram às vezes conflitos violentos: agressões aos migrantes recém-chegados, discriminação nas escolas e nos trabalhos.

Por outro lado, uma hibridização cultural também é promovida pela tecnologia, especialmente a midiática, desterritorializando e reterritorializando valores, crenças e artes, atua de modo complexo e reconfigura situações culturais, de modo em que muitas vezes o cartão de crédito vale mais do que o documento de identidade.

Infelizmente é possível verificar esforços para a manutenção de aspectos da multiculturalidade estanque nas realidades urbanas brasileiras, pelo simples descaso, ou mesmo a naturalização de sua presença. Em termos de urbanismo, em geral, as paisagens multiculturais contribuem para a reafirmação da já existente produção de cidades fragmentadas e sem coesão social. Guetos, limites físicos, diferenciações brutais da qualidade do espaço social produzido, entre outros, são característicos dessa multiculturalidade, tais como os tradicionais lugares dos ricos e dos pobres brasileiros, desde os tempos das senzalas e casas grandes. Produções subjetivas de diferentes modalidades, como, por exemplo, o de reavivamento de arcaísmos religiosos, que, no bojo da multiculturalidade, ganham força e contemplam até ambiciosos projetos estéticos políticos de ampliação de seus territórios existenciais, que produzem transformações na paisagem urbana.

Na multiculturalidade é possível observar uma competição estimulada entre elementos de culturas diversas, desrespeitosa com grupos “minoritários” ou que fujam das “regras estabelecidas”. O que equivale a dizer, que por outro lado, em muitos casos, alguns aspectos

Paisagens transculturais - um olhar para a periferia carioca em tempos do transconhecimento
Jorge Baptista Azevedo

são valorizados para afirmações políticas da pertinência do poder nas mãos de determinados grupos.

Dentro de tais esquemas, são reforçadas as práticas discriminatórias e as de preconceitos, em especial aos grupos sociais eleitos para “pagar o pato”, enquanto catalizadores escolhidos para as pulsões agressivas das chamadas e autoconsideradas maiorias. São os grupos para os quais resta o estranhamento social e o despertencimento. No momento, de acordo com Peixoto (2007) na experiência brasileira são os negros, os índios, os homossexuais, os transgêneros, entre outros, que veem seu espaço de expressão, trabalho ou relações sociais negados dentro do complexo tecido cultural e com eles suas práticas culturais. Com a pretensão hegemônica das religiosidades evangélicas neo-pentecostais, a produção de um pensamento de rancor, se produz para práticas religiosas distintas, tais como as seitas e cultos de origem africana, que estão sendo sistematicamente perseguidos, e mesmo igrejas católicas estão sendo violadas e tendo seus símbolos profanados e destruídos.

Em diversos casos, na experiência brasileira, a paisagem urbana registra essas disputas, como se observa em Veloso (2013), sobre o impacto da produção de uma nova paisagem evangélica neo-pentecostal em substituição da paisagem católica no centro do bairro de Alcântara, no município de São Gonçalo da região metropolitana do Rio de Janeiro. A manutenção da multiculturalidade competitiva interessa a determinados grupos e seus posicionamentos políticos, que já até possuem uma forte bancada no Congresso brasileiro. Para tais propósitos, a questão identitária religiosa é defendida como aspecto preponderante de valorização e preservação de grupos eleitos. E nesse caso, de jogo pesado até se produz o descarte do outro, que em geral é para ser desprezado, desconhecido e até mesmo eliminado.

PAISAGEM TRANSCULTURAL

Nesse sentido, a importância da transculturalidade como algo capaz de propiciar uma nova produção de subjetividades conciliatórias é admitida então como um estado onde existe o interesse pelo conhecimento da cultura do outro sem a perda de suas próprias referências identitárias. Para Canclini (1997) vivemos um tempo em que as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. Entretanto, afirma-se que, só através da **heterogênese** é que se pode produzir a transculturalidade, bem como suas paisagens resultantes dos processos de produção de seus espaços sociais transculturais correspondentes a partir da ressingularização.

Essa ressingularização que é defendida por Guattari, deve ser uma nova produção de subjetividades, através de agenciamentos coletivos e individuais transversais a todas escalas sociais, desde as instituições, o ambiente e mesmo o plano mental de cada indivíduo:

(O mesmo se passa com a ressingularização das escolas, das prefeituras, do urbanismo etc.). A subjetividade, através de chaves transversais, se instaura ao mesmo tempo no mundo do meio ambiente, dos grandes agenciamentos sociais e institucionais e, simetricamente, no seio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo. A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, as vezes, a partir dos meios os mais minúsculos (GUATTARI, 1990, p.56)

A produção de campos transculturais deve ser estimulada a partir de práticas heterogênicas, ou seja, próprias da heterogênese e, portanto, mais valorizadoras do encontro solidário das diversidades

humanas. Campos estéticos nos quais inúmeras comunicações e informações ganham corpo pela participação ativa dos seus componentes, utilizando-se as artes, a filosofia e mesmo a produção dos lugares.

No caso da paisagem transcultural, verifica-se uma diferença, que se caracteriza por uma nova lógica de organização de culturas distintas, resultante de uma interação mais transversal entre elas e, até mesmo capaz de engendrar algum novo tipo de produção do espaço social. De tal modo, pode surgir uma estética transcultural e transversalidades motivadas por algum tipo de interesse social como a compaixão e a solidariedade, surgidas a partir da proximidade e do conhecimento mais profundo das características do outro, de mergulho na experiência do outro sem se perder nelas.

Podemos definir paisagem transcultural como aquela onde a percepção da mesma consegue elaborar uma síntese nova, capaz da produção de singularidades e pertencimentos a partir da hibridização de elementos ou aspectos simbólicos associados a diferentes culturas, podendo superar ou mesmo diluir seus aspectos distintivos no conjunto.

As paisagens transculturais resultam de campos transculturais, portanto heterogênicos e, sendo assim, podem ser comparadas a um arranjo de referências distintas de múltiplas culturas, um todo além da simples somatória de suas partes, mesmo que as mesmas consigam estabelecer uma trama de relações interativas sem perder suas identidades próprias.

Em termos de produção do espaço social, podem propiciar lugares nos quais diversas culturas podem se conciliar para a construção um pertencimento mais amplo, coletivo e não excludente das singularidades individuais. Uma articulação política capaz de superar a multiculturalidade, através de uma nova cultura de novas solidariedades

e alianças, de repercussões estéticas e decorrentemente artísticas, neste sentido, de acordo com Cany e Poulain (2013, p.12), “arte e estética opõem uma resistência ao capitalismo mundial, assim como as pesquisas transculturais se recusam a reduzir a arte e a cultura a meros bens de consumo”.⁹

Paisagens transculturais e suas gêneses – das heterotopias e entre-lugares

Em busca da compreensão da gênese e permanência das paisagens transculturais observam-se aqui, de modo breve, os processos de possibilidade de heterogêneses vinculados às produções heterotópicas e ao surgimento dos entre lugares.

A heterotopia, tal como sua formação etimológica indica é o lugar da diferença, ou das diferenças. Foucault (1984) elaborou uma excelente análise discursiva de suas características em relação ao espaço físico e contexto social, contrapondo as mesmas em relação às utopias. Enquanto as utopias não tem existência real, as heterotopias existem na realidade, uma vez que localizáveis, mesmo estando fora de lugar. Tal conceito também é bastante complexo e variável, uma vez que depende do contexto de experimentação heterotópico. A princípio, uma heterotopia pode determinar uma experiência de transculturalidade imediata quando há uma necessidade ou desejo relacional entre partes representantes de culturas distintas. Uma relação exigida com algo que não é dali, mas que ali se encontra e resiste. E uma vez que, para garantir sua sobrevivência tenha que

⁹ Tradução livre de: “arts et esthétique opposent une résistance au capitalisme mondial, tout comme ces recherches transculturelles refusent de réduire l’art et la culture à n’être que des biens de consommation”.

criar estratégias de adequação e resistência poderá gerar aceitações, pertencimento e, portanto heterogêneses.

A presença de uma horta, ou pequeno sítio em uma cidade pode ser considerada uma heterotopia na cidade moderna, mas antes do século XIX, hortas e até mesmo animais eram comuns nas cidades. Atualmente, movidas por novos agenciamentos, as hortas ressurgem como lazer ou como necessidade de subsistência em diversas paisagens urbanas. Determinados museus também guardam espaços heterotópicos por excelência, como o Museu da Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, que conserva um admirável jardim do século XIX em pleno bairro de Botafogo, densamente verticalizado e urbano. Pela sua inserção, ali se estabelece uma estética heterotópica através de quase sobreposição de diferentes culturas de tempos distintos, algo que se percebe imediatamente no adentramento de seus recintos.

As transculturalidades podem ser observadas entre culturas pertinentes a uma mesma cultura mais ampla, como no caso da cultura rural tradicional e de uma dada cultura urbana, dentro do contexto de aspectos da cultura nacional, ou ainda em aspectos associados às questões de gênero, culturas religiosas etc. Entretanto, existem culturas ainda mais distanciadas, por diferentes motivos, que são postas em situações de grande proximidade. Mais recentemente, autores como Bhabha (2013), entre outros, observam na cultura da pós-modernidade novos limites epistemológicos para os etnocentrismos enraizados, face às emergências de novas vozes na demografia de um novo internacionalismo.

Para o autor qualquer pretensão de identidade na atualidade resulta de uma consciência da posição que o sujeito ocupa – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais (BHABHA, 2013, p.20).

Como melhor ilustração da citação acima, surge o conceito de entre-lugar, que utiliza a metáfora de uma grande ponte onde pessoas de diferentes lugares gastam tempo para passar, e assim, nesse entre tempo surge o entre-lugar, algo que não é, não foi e não será, mas que está sendo simplesmente.

Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens [...] A ponte reúne enquanto passagem que atravessa (BHABHA, 2013, p.24).

Nesse sentido o conceito de entre-lugar ganha destaque como um tipo de primeiro passo para a estimulação para se atingir a experiência transcultural. O entre-lugar não se trata da produção acabada, pelo contrário ele é em si mesmo uma processualidade em novos espaços sociais culturalmente diversificados, no exercício de construção da convivência sob a complexidade de nossos dias.

O entre-lugar pode ser mesmo despojado de uma pertença física territorializada, como no exemplo da construção humana das novas identidades de gênero, que permeiam e perpassam culturas e localidades distintas, enquanto emergências de novas existencialidades humanas, frente à vivência da sexualidade. O próprio conceito de identidade pode ser questionável, uma vez que também se admite o conceito de fluidez de gênero.

As culturas extrapolaram barreiras e cruzaram fronteiras nestes tempos de tempos velozes. Daí o surgimento dos entre-lugares, que propiciam as

condições, nas quais essas novas experiências subjetivas, transculturais podem emergir. O dia em que se estabelecer como o lugar dessas tantas diferenças já não será mais um entre-lugar.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados (BHABHA, 2013, p.20).

Para discutir o entre-lugar, destaca-se aqui a pesquisa de Lopes (2012) baseada, principalmente nas perspectivas teóricas propostas nas citações de obras de Silviano Santiago (1977), Arjun Appadurai (1996) e Néstor Garcia Canclini (1997). Lopes, cuja pesquisa volta-se para a análise da produção do cinema, ressalta que o entre-lugar seria o primeiro passo para a quebra de fronteiras socioculturais e cita o termo paisagem transcultural.

Para Lopes o entre-lugar é o ponto de partida para os estudos das paisagens transculturais e que, em sua pesquisa sobre o cinema e seus personagens, colocam o homem da transculturalidade na tela (ponto fulcral de sua análise) e para além dela. Assim, o entre-lugar, por sua singularidade e ao mesmo tempo complexidade, pode ser entendido sob diversas perspectivas. O próprio autor questiona se o entre-lugar não seria outro tipo de não lugar, uma transposição de

barreiras, um alargamento das paisagens. De novo a metáfora da ponte se presentifica como um espaço simbólico de passagem. Afinal para o mesmo: “O entre-lugar é espaço concreto e material, político e existencial, local, midiático e transnacional de afetos e memórias” (LOPES, 2012, p.28).

Conveniente à análise aqui apresentada, Lopes continua seu estudo e, citando Santiago, adentra a questão da solidariedade entre diferentes, uma vez que observa que “o entre-lugar é uma estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca solidariedades transnacionais através do comparativismo para apreender nosso hibridismo fruto de quebras de fronteiras culturais” (SANTIAGO apud LOPES, 2012, p.19).

A questão das paisagens transculturais, dado os recentes rumos das dinâmicas populacionais é emergente e mundial:

Ao pensarmos em uma paisagem transcultural, não estamos mais nos colocando no espaço engajado do terceiro-mundismo, como desenvolvido notadamente nos anos 60, mas procurar transversalidades que atravessem diferentes países e culturas, sem ignorar as desigualdades nas relações de poder, mas procurando responder ao contexto desenvolvido a partir dos anos 70 do século passado (LOPES, 2012, p.10).

TRANSCULTURALIDADE E TRANSCONHECIMENTO EM TEMPOS DE MUNDIALIZAÇÃO

O avanço atual em qualquer área tradicional do conhecimento humano determina a ruptura de todo isolamento. Nesse sentido, a transdisciplinaridade cada vez mais deve se afirmar como um procedimento a ser perseguido no cotidiano da pesquisa e da ação profissional, em seu processo de conscientização sobre a

complexidade do pensar e agir sobre o mundo. Como determina a Carta da Transdisciplinaridade (1994):

Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multireferencial e multidimensional. Embora levando em conta os conceitos de tempo e de História, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte trans-histórico.

Na mesma carta acima citada se afirma que o transdisciplinar é por essência transcultural. Em nosso campo de interesse e análise, o paisagismo e a arquitetura e urbanismo, pela natureza multidisciplinar cada vez mais ampliada de seu trabalho, desde algum tempo se percebe a necessidade da adoção da transdisciplinaridade. Em suas análises e proposições mais recentes se encontram e se misturam conceitos e diversas teorias desenvolvidos em outras áreas tais como a Geografia, Ciências Sociais, História, as Artes, a Engenharia etc. Entretanto, e somente a transdisciplinaridade capaz de promover e acontecer no bojo da transculturalidade entre os conhecimentos disciplinares poderá promover o transconhecimento, enquanto modalidade de articulação do pensamento necessária para o enfrentamento das questões impostas pelos tempos atuais. Quando, além de pensar com o outro aprendemos a pensar como o outro pensa, junto ao poder sentir o que o outro sente, ampliamos nossa ótica de análise, crítica e alcance de abrangência sobre as reais dimensões e implicações subjetivas dos problemas.

Em termos de uma globalização subjetiva, e não apenas econômica e de mercados, a humanidade, conduzida pelas redes sociais possibilitadas pela internet, e, mesmo por contatos reais e diretos toma nova consciência de si mesma – é o fenômeno da mundialização. Nesse entre-caminho, de emergências diversificadas e ações desesperadas, de novas geografias e paisagens ainda por vir, sucumbem certezas

e permanências. A transculturalidade emerge como possibilidade, ainda que resistências e isolamentos de grupos culturais tendam a ficarem mais ferozes. Mas, mesmo esses enfrentamentos deixam seu legado positivo, pois ao buscar as diferenças do outro, também nos deparamos com as semelhanças, afinal alguns passos são irreversíveis.

LEGADOS DE EXPERIÊNCIAS TRANSCULTURAIS E SUAS PAISAGENS – à GUIA DE CONCLUSÃO

A transculturalidade e suas correspondentes paisagens, apesar de constituírem um fenômeno de notoriedade e estudo mais recente, não surgem, necessariamente, nos tempos atuais. Experiências anteriores merecem o seu estudo e observação em uma perspectiva trans-histórica, principalmente para a constatação dos rumos que vieram a tomar enquanto produções estéticas transculturais, bem como ainda, suas contribuições e transformações.

O transconhecimento também exige um novo olhar para as tradições, capaz de superar das armadilhas da nostalgia, mas, também, de se impor contra as críticas reducionistas que, sempre denunciam o saudosismo em toda evocação da tradição. Toda tradição que se reedita como força politicamente afirmativa e, mais ainda, que seja capaz de contribuir para uma transculturalidade associada ao *bonheur*¹⁰ coletivo precisa ser respeitada e revisitada.

Neste sentido, por exemplo, se observa os papéis de jardins e quintais populares cariocas onde se pesquisa a presença estética da ruralidade¹¹.

¹⁰Podemos entender aqui, a partir da leitura de Badiou (2015), o conceito de *bonheur* como um bem estar compartilhado, algo como uma celebração da existência vivenciada por todos e que garanta a dignidade da vida de cada um.

¹¹Pesquisa que inicialmente resultou na tese de doutorado “A estética da ruralidade nas paisagens urbanas e sua presença no Rio de Janeiro” (AZEVEDO, 2008), tendo sido continuada através de projetos de pesquisa no âmbito do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense.

Paisagens transculturais - um olhar para a periferia carioca em tempos do transconhecimento

Jorge Baptista Azevedo

Nesta pesquisa empírica que visitou diversos jardins e espaços livres urbanos ocupados, verifica a presença de misturas de usos espaciais, plantas de diferentes locais, com usos decorativos, alimentares e até mesmo mágicos. São lugares também associados a realização de festas e rituais de magia, São detectados nas periferias mais distantes, como a Baixada Fluminense, São Gonçalo, etc, mas podem aparecer até em quintais insuspeitos do centro do Rio de Janeiro resultantes de referências estéticas híbridas, em tempos de grande dinâmica de emigração e ocupação de sua zona de crescimento urbano. Negros, brancos, índios, mestiços de todas as partes do país e mesmo italianos, japoneses, europeus diversos em busca da vida nova, vão trabalhar seus espaços livres com soluções estéticas que misturam referências ancestrais de sua terra natal ou de antepassados, até aquelas de jardins concebidos e destacados como modelares, como foi o caso da obra de Glaziou no Brasil, revisitada por Terra (2000). Em meio a tudo isso, se destaca e ainda sobrevive em muitos casos, a estética da ruralidade, nesse caso por questão de necessidade e hábito. Não se pode esquecer ainda, nessas formações de paisagens, a aproximação das matas e o seu papel histórico enquanto campos estéticos transculturais.

No Brasil, a transculturalidade se impõe desde a sua invenção, pois a multiculturalidade não foi condição suficiente na criação de um novo mundo. É como celebra a letra de uma canção de Arnaldo Antunes (1996), sobre a inclassificabilidade das misturas e transculturalidades observadas no brasileiro, que se espera não ficar apenas como memória da cor da pele ou do tipo de cabelo.

Inclassificáveis
Arnaldo Antunes

Aqui somos mestiços mulatos
Cafuzos pardos mamelucos sararás
Crilouros guaranisseis e judárabes
Orientupis orientupis
Ameriquítalos luso nipo caboclos
Orientupis orientupis
Iberibárbaros indo ciganagôs

Somos o que somos
Inclassificáveis

Não tem um, tem dois
Não tem dois, tem três
Não tem lei, tem leis
Não tem vez, tem vezes
Não tem Deus, tem Deuses
Não há sol a sós
Aqui somos mestiços mulatos
Cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
Americarataís yorubárbaros

Somos o que somos
Inclassificáveis

Que preto, que branco, que índio o quê?
Que branco, que índio, que preto o quê?
Que índio, que preto, que branco o quê?
Não tem um, tem dois
Não tem dois, tem três
Não tem lei, tem leis
Não tem vez, tem vezes
Não tem deus, tem deuses
Não tem cor, tem cores
Não há sol a sós

Egipciganos tupinamboclos
Yorubárbaros carataís
Caribocarijós orientapuias
Mamemulatos tropicaburés
Chibarrosados mestícigenados
Oxigenados debaixo do sol

Diversos aspectos concernentes à experiência e existência dos quintais na formação dos subúrbios cariocas, ocorrida no início do século XX são observados na pesquisa já citada sobre a presença da ruralidade (Azevedo, 2008). Ainda no rastro da euforia do final da escravidão capitalizada pelo novo sistema político republicano, o crescimento da cidade movido pela ampliação das redes de transportes de bondes e ferrovias, mistura milhares de emigrantes de culturas diferentes e mesmo estrangeiras em suas novas frentes de expansão. A ocupação dos subúrbios e periferias foi em dado momento um grande entre-lugar, onde a estética da ruralidade teve uma grande importância, pois, para além da subsistência que permite, possibilitou a criação de campos estéticos transculturais, com suas correspondentes paisagens transculturais e novas formas de celebração da existência.

Sendo assim, em diversas cidades brasileiras, o rural se manifesta esteticamente em sua capacidade associativa, senão formadora, com matrizes identitárias seculares, gerando resultados transculturais de nuances transnacionais, tais quando une matrizes portuguesas e africanas nos terreiros de umbanda, por exemplo. Destaca-se a importância das invenções dessas paisagens híbridas e transculturais, observadas em jardins populares, fundos de quintais, barrancos, bordas diversas, periferias favelizadas, terreiros de umbanda, candomblés e vazios urbanos e, em especial a importância de suas contribuições socioculturais possibilitadoras e mesmo, indutoras do convívio e da necessidade da superação de diferenças. No caso das periferias e subúrbios cariocas, a partir do multiculturalismo de sua formação original, criaram-se entre-lugares no passado, onde pessoas motivadas pela força da necessidade foram capazes de superar diferenças e praticar solidariedades. Um verdadeiro processo de heterogêneses complexas, produzindo campos transculturais, que no caso do Rio de Janeiro, propiciam uma das maiores e mais complexas imersões em transculturalidades experimentadas por um povo.

O desenvolvimento de uma teoria da Paisagem deve se voltar, também, para estas e outras experiências pouco estudadas, não vistas e até negadas, tais como as possibilidades de transculturalidades associadas com apropriações estéticas da ruralidade. Na análise de suas paisagens objetiva-se a compreensão de seus aspectos de produção autônoma e passível de uso em diferentes escalas, para a criação de espaços sociais celebrados e vividos e, quase sempre, voltados para o pertencimento e a produção do interesse pelo outro. Paisagens que, em sua aproximação revelam lugares onde o viver celebra a graça do existir, distanciados da mediação imediata do dinheiro e do consumismo capitalista. Até mesmo em termos de relações de trabalho, esse modo de viver se aproxima daquilo que, a filosofia francesa chama de *bonheur*, algo que, talvez, seja mesmo revolucionário (BADIOU, 2015). ©

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Valci Rubens Oliveira de. **Da paisagem Natural à Paisagem inventada** - a cultura dos jardins urbanos em Belém. 2012. Tese (Doutorado em Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional) - IPPUR Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ANTUNES, Arnaldo. Inclassificáveis. In: **Silêncio**. São Paulo: BMG, 1996. 1 CD.
- ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- AZEVEDO, Jorge Baptista de. **A estética da ruralidade nas paisagens urbanas e sua presença no Rio de Janeiro**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Paisagens transculturais - um olhar para a periferia carioca em tempos do transconhecimento

Jorge Baptista Azevedo

AZEVEDO, Jorge Baptista de; MONTEIRO, Marcus. **Inventário dos bens culturais de Nilópolis – arquiteturas e paisagens culturais**. Nilópolis: Prefeitura Municipal de Nilópolis. Acervo Brasil Projetos Culturais, 2012.

BADIOU, Alain. **Métaphysique du Bonheur réel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2015, 90p.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BHABHA, Homi K. **O lugar da cultura**. 2 ed. Trad. Myriam Ávila Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Minas Gerais: Editora UFMG, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANY, Bruno; POULAIN, Jacques (Ed.). **Recherches d'esthétique transculturelles, Notes d'anthropologie esthétique**. Paris: L'Harmattan, 2013.

CARDOSO, Isabel Lopes (cord.). **Paisagem patrimônio, aproximações pluridisciplinares**. Porto: Dafne Editora, Universidade de Évora, 2013.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.

COHEN, Daniel. **Homo economicus, prophète (égaré) des temps nouveaux**. Paris: Éditions Albin Michel, 2012.

CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE, 1., 1994, Convento de Arrábida, Portugal. Carta da Transdisciplinaridade. Portugal, 1994.

FOUCAULT, Michel. Dits et écrits 1984, Des espaces autres (conferência no Cercle d'études architecturales, 14 de março 1967). **Architecture, Mouvement, Continuité**. n.5, outubro, 1984, p.46-49.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Caosmose- um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LENOIR, Frédéric. **Du Bonheur, un voyage philosophique**. Paris: Librairie Générale Française, 2015.

LOPES, Denilson. **No coração do mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1995.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre; Maria Alice Dória. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

PEIXOTO, Paulo de Tarso de Castro. Multiculturalismo, Transculturalismo e heterogênesse urbana: composições de diversos para a produção do transconhecimento. **Revista Visões**, nº 7, 2009, p.49-69.

POULAIN, Jacques. **Mondialisations culturelles et dialogue transculturel**. Paris: Essai, 2006.

PRIOREF, Luc. **Le Bonheur – Anthologie de textes philosophiques et littéraires**. Paris: Imprimerie Graphique de l'Ouest, 2006. 524p.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa – a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Convênio IBAM/FINEP, 1981.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.12-74.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999, 204p.

Paisagens transculturais - um olhar para a periferia carioca em tempos do transconhecimento
Jorge Baptista Azevedo

TERRA, Carlos Gonçalves. **Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado**. 2ed. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000, 166p.

TURGEON, Laurier. **Hors collection. Collectifs dirigés par des chercheurs du CELAT**. Paris: Publié par L'Harmattan et Les Presses de l'Université Laval, 1998, 493p.

VELOSO, Valentim Fernandes Tavares. **Paisagens do despertencimento: o caso da Praça Carlos Gianelli no centro urbano de Alcântara – São Gonçalo – RJ**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Submetido em Março de 2017.

Revisado em Agosto de 2017.

Aceito em Novembro de 2017.

